27º CONGRESSO NACIONAL ABEM
Educação Musical, Mundo do Trabalho e a Construção de uma Sociedade Democrática
Curitiba | 03 a 07 de novembro 2025

O Funk enquanto ferramenta para o ensino de música: Um relato de experiência no contexto do programa PIBID

Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

Raquel Gonçalves Pereira
Universidade Estadual do Paraná Campus Curitiba I
goncalvesraquel25@gmail.com

Jean Felipe Pscheidt
Universidade Estadual do Paraná Campus Curitiba I jean.pscheidt@unespar.edu.br

Daniele Martinez de Oliveira Coelho
Universidade Federal do Paraná
danielemartinez@ufpr.br

Resumo: O objetivo nesta pesquisa é descrever um relato de experiência sobre o Funk enquanto ferramenta para o ensino da música. Este trabalho foi realizado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental I que têm entre 9 e 10 anos e estudam em uma escola na região periférica de Curitiba/PR. A metodologia usada foi a da pesquisa-ação, que consiste em realizar uma atividade em que os pesquisadores e os participantes estejam envolvidos de modo cooperativo. Como resultados, observou-se um engajamento positivo dos estudantes e a compreensão da cultura brasileira contestando o preconceito em torno do gênero.

Palavras-chave: Ensino de música, Funk, Educação Básica.

Introdução

O presente texto é um recorte de uma pesquisa de TCC do curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Paraná Campus Curitiba I que tem como tema o Funk enquanto ferramenta para o ensino da música. Sendo estudante contemplada com uma bolsa PIBID , várias experiências foram proporcionadas por meio do vínculo entre a graduação em

música e o contexto da sala de aula da rede pública. Nesse sentido, ao acompanhar as aulas do segundo e quarto ano do Ensino Fundamental I, foram realizadas observações e anotações que permitiram notar a relação dos alunos do quarto ano com o Funk, constantemente batucando e cantando seu ritmo. Dessa forma, considerou-se essencial incorporar ao contexto da sala de aula as vivências dos estudantes que são influenciados pelo gênero Funk, reconhecendo suas batidas, artistas e referências culturais (GABRIL, 2021). Em um cenário educacional ainda fortemente marcado pelo cânone eurocêntrico no ensino de música (BATISTA, 2018), a inserção do Funk no ambiente escolar configura-se como uma ação pedagógica que confronta lógicas excludentes, valorizando práticas e saberes provenientes de territórios historicamente marginalizados.

Diante desse cenário, nota-se que o processo de ensino musical pode ser conduzido considerando os diferentes contextos para proporcionar o conhecimento a partir da vivência musical dos alunos. Assim, a questão norteadora que surge é: Como usar o Funk como ferramenta para o ensino da música na Educação Básica?

Tendo em vista esse aspecto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar possibilidades de utilização do Funk como ferramenta pedagógica para o ensino de música em uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública na periferia de Curitiba/PR. E como objetivos específicos: 1) Realizar uma revisão bibliográfica acerca do gênero Funk nas escolas; 2) Planejar as atividades para a turma do quarto ano do Ensino Fundamental I; 3) Aplicar a aula planejada com a turma selecionada.

Nesse sentido, foram planejadas e aplicadas três aulas utilizando o Funk como ferramenta pedagógica em uma escola pública de Curitiba/PR. Para esse texto, serão apresentados os resultados da primeira aula. O contexto escolhido é uma turma do quarto ano do ensino básico que participa do programa institucional de bolsa de iniciação à docência 2025.

De acordo com as pesquisas sobre o Funk e Educação Musical e a relutância de professores para abordar o gênero em suas aulas (ROSA, 2018), esta pesquisa se justifica visando contribuir principalmente com uma visão prática sobre como explorar o Funk em sala de aula por meio de estratégias e reflexões contextualizadas. O texto está dividido em três partes: na primeira é apresentado o delineamento metodológico; na segunda é realizada uma discussão sobre os aspectos pedagógicos, sociais e musicais que englobam o Funk; e na

terceira é exposto o relato de experiência na avaliação do contexto escolhido, o planejamento do projeto de campo e a aplicação da primeira aula com seus resultados.

Metodologia

O método utilizado para a pesquisa foi a pesquisa-ação que tem por definição a resolução de um problema coletivo em que os pesquisadores e participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo (THIOLLENT, 1986).

A pesquisa foi conduzida considerando três etapas, sendo elas: (a) análise bibliográfica sobre o tema, (b) planejamento das atividades, (c) aplicação das atividades no contexto escolar e análise.

No que se refere a análise bibliográfica, buscou-se examinar o conceito de Funk considerando os aspectos musicais, pedagógicos e sociais que o cercam, cujos principais autores são: Paulo Coutinho (2021), Felipe Trotta (2016), Mirian Ferreira (2016), Leonardo Batista (2018), Renata Rosa (2018), Luana Oliveira (2017), Luis Gabril (2021), Maura Penna (2022), Thiago Souza (2019), Ranielly Scheffer (2017), Tatiane Cardoso (2011), Thaís Padovani (2015) e Mano Teko (2017), a fim de contemplar o primeiro objetivo específico que consiste na revisão do gênero nas escolas. O planejamento das aulas foi realizado considerando inicialmente um diagnóstico realizado sobre a presença do Funk no contexto estudado, a leitura de artigos sobre o tema da pesquisa, bem como a consulta de materiais didáticos levando em consideração as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o currículo da disciplina de Arte do quarto ano. As aulas foram estruturadas com base no modelo C(L)A)(S)P (Swanwick, 1998; França, 2013), tendo as modalidades do fazer musical apreciação, performance e composição. A aplicação das atividades foi gravada preservando o anonimato dos alunos e professores participantes da pesquisa. A pesquisa foi conduzida em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba/PR, com estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental I, os quais têm entre 9 a 10 anos.

Aspectos pedagógico, social e musical do Funk

Desde seu surgimento em 1980 no Rio de Janeiro, o Funk gerou diversos impactos no país, sendo associado às favelas e à criminalização até presente em eventos chiques da classe média alta (TROTTA, 2016). Para os autores Mirian Ferreira (2016), Felipe Trotta (2016), Lázaro

Licasalio (2022), Luana Oliveria (2017) e Paulo Coutinho (2021), o Funk é um movimento cultural que em suas representações artísticas tem um objetivo, uma fala, uma narrativa que reflete a realidade de jovens negros de periferia.

O incômodo ao gênero estaria ligado ao racismo contra produções artísticas da cultura negra, se assemelhando com a trajetória do Samba que também tem suas origens em cenários periféricos e foi vítima de perseguição policial (COUTINHO, 2021). Os artistas e seus consumidores são frequentemente vistos como bandidos e péssimos exemplos para a sociedade, porém possuem um apelo juvenil notório e suas festas e bailes têm sido o principal meio de socialização e lazer de jovens nas cidades (LICASALIO, 2022).

Nessa perspectiva, para compreender a relação do Funk com o contexto da educação musical na escola de Educação Básica, se fez necessário fazer um levantamento bibliográfico dos aspectos pedagógicos, sociais e musicais que cercam esse gênero.

Pedagógico

A escola consegue representar a cidadania e a dignidade humana dos indivíduos que circulam por esse espaço (BATISTA, 2018). Dessa forma, os sujeitos que integram esse ambiente como alunos, docentes, auxiliares de limpeza, secretárias, porteiros, entre outros, carregam consigo diferentes conhecimentos e saberes de suas vivências, conceitos, preconceitos e experiências culturais (BATISTA, 2018). Contudo, apesar dessa pluralidade, a escola tem sido instrumento reprodutor das ideologias dominantes (FERREIRA, 2016), a educação musical na Educação Básica continua a atender um cânone europeu (BATISTA, 2018) e a não aceitação de alguns conceitos já foi normalizado, como o menosprezo ao Funk e a relutância por parte dos educadores em abordar esse gênero (ROSA, 2018). Sendo assim, há uma dificuldade em estabelecer diálogos com culturas vistas como subalternizadas e um processo pedagógico que vise as concepções de diálogo, pluralidade, justiça social e respeito, se corrompe.

Dentro da sala de aula, o professor muitas vezes pode enfrentar desafios de diálogo, pois os educandos estão inseridos em culturas juvenis com suas gírias e influências musicais (GABRIL, 2021). Dessa forma, aproximar o conteúdo escolar da realidade dos estudantes, utilizando do Funk como ferramenta pedagógica, pode colaborar para fortalecer uma troca de

saberes entre a turma. Da mesma forma, pode ajudar a explorar a concepção de uma educação antirracista, valorizando conhecimentos vistos como inferiores. Nessa perspectiva, Lázaro Licasalio (2022, p. 4) expõe:

> Trabalhando nas escolas, o Funk pode contribuir para a valorização da cultura popular negra. Pois com uma linguagem moderna e de fácil apelo entre jovens, principalmente nas periferias, o Funk deixa de ser percebido pelo seu aspecto meramente musical e passa a ser considerado uma linguagem de negros e favelados, descendente em parte de batuques africanos e espaço por excelência da agência negra.

Tendo em vista esse aspecto, o Funk como instrumento pedagógico pode se tornar importante para proporcionar uma conexão entre a escola e as culturas juvenis, promovendo espaço para o reconhecimento de diferentes culturas como forma de conhecimento.

Social

O Funk é alvo de preconceito, exclusão e estigmatização por parte da sociedade brasileira desde sua origem, seja dentro do meio acadêmico ou no debate da Educação Musical (GABRIL, 2021). Por sua origem associada a contextos periféricos e a influências afro, o gênero provoca um conflito de ideias, divergências nas convicções sociais e discussão sobre preferências estéticas. Assim como ocorreu com o Samba em sua trajetória inicial, o Funk por ser um som produzido por indivíduos negros e favelados, passou a ser associado, quase que automaticamente, à criminalidade e à ideia de perigo (FERREIRA, 2016). Nesse sentido, esse processo de marginalização tem raízes profundas na história do Brasil, especialmente no contexto da diáspora africana e da ausência de políticas públicas para a população escravizada após a abolição da escravatura (COUTINHO, 2021). A exclusão do acesso à educação, saúde e cultura reforçou desigualdades que ainda permanecem na sociedade brasileira.

Além disso, na época presente, há um movimento de embranquecimento simbólico desses gêneros musicais, que passam a ser legitimados quando interpretados por artistas brancos ou quando adquirem traços mais aceitos pelas classes dominantes (COUTINHO, 2021). Esse fenômeno, cria uma falsa ideia de inclusão, enquanto silencia a origem afrobrasileira desses ritmos e os corpos historicamente marginalizados que os sustentaram.

É necessário compreender que o Funk é considerado um movimento cultural. Nesse sentido, ele é mais que uma música, uma dança ou uma prática particularizada (FERREIRA, 2016). A música se torna um artifício para adotar um discurso e uma linguagem que expresse a forma de vida nas comunidades. Essa linguagem se manifesta por meio de elementos intrínsecos à cultura da favela, como a gíria, o deboche, o uso de batidas potentes e refrões repetitivos (COUTINHO, 2021). Apesar de presente em bailes de rua e nos sons que ecoam pelas vielas das favelas, o Funk demonstra sua relevância cultural também por estar presente em cerimônias de elite e celebrações da classe média. Essa disseminação revela um aspecto contraditório do gênero, que segundo Felipe Trotta (2016, p. 6):

> Funk é música de 'preto, pobre e favelado', mas também música de casamento de elite, de festas de classe média e de bailes de todas as classes. Com essa existência contraditória e sempre intensa, o funk é uma música que sempre aparece nos debates sociais como metonímia de jovens pobres em festa, disputando espaços e incomodando setores das elites nacionais.

Diante desse cenário, a presença do Funk em espaços tão diversos evidencia os tensionamentos sociais que ele carrega, demonstrando sua força como expressão popular ao ultrapassar os limites geográficos e simbólicos das cidades, e provocando o incômodo em classes elitizadas. Trata-se de um incômodo que não se resume ao carácter musical, mas que revela disputas por espaço, visibilidade e pertencimento. Dessa forma, o Funk pode ser compreendido como uma síntese de diversos incômodos sociais, condensados e ressignificados pela experiência musical. Da mesma forma, aceito em espaços privilegiados quando embranquecido.

Musical

O Funk é caracterizado pelo compasso quaternário com o primeiro tempo destacado por uma batida grave. O som grave presente é mais um jeito de sentir prazer na energia da festa (SOUZA, 2019). Nesse sentido, seu ritmo é composto por colcheia pontuada, semicolcheia, pausa de colcheia e colcheia, como demonstra a figura a seguir:

Figura 1: Partitura do ritmo Funk



Fonte: Ritmo de Funk na música "Lança o passinho do romano".

Ele é considerado uma das primeiras formas de música eletrônica dançante do Brasil. Souza (2019) destaca que por essa origem eletrônica, o Funk possui uma infinidade de possibilidades e transformações sonoras, como a utilização de instrumentos convencionais ou não e a expansão da altura dos mesmos. Além disso, os cantores desse gênero utilizam com frequência uma frase falada em sua melodia, mais do que apoiar a voz em notas com alturas definidas, os MCs são analisados pela sua entonação ritmo e desempenho performático. Sobre a utilização da voz falada no contexto do Funk, Thiago Souza (2019, p. 10-11,, grifo do autor) pontua:

> E embora muitas vezes se faça críticas ao funk e ao rap pela 'ausência de melodia' e 'repetição verbal musical constante', talvez os funkeiros e rappers façam isso há muito tempo graças à percepção (consciente ou inconsciente) do mesmo fenômeno observado por Diana Deutsch. A autora demonstra que através da repetição passamos até mesmo a ouvir um perfil melódico com notas e intervalos delineados. Esse fenômeno é chamado pela autora de *speech to song ilusion* ['a ilusão da fala à canção'].

Em seguida serão apresentadas algumas possibilidades de práticas unindo esse gênero a Educação Musical no contexto da Educação Básica que foram coletadas a partir de um levantamento de artigos.

Luis Gabril (2021), relata que em uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental I de uma escola municipal na favela do Antares, após perceber que os estudantes cantavam e batucavam o ritmo do Funk com perfeição, decidiu abrir um diálogo e propor uma atividade com o gênero. A resposta foi positiva e, desse momento em diante, apresentou mais exercícios com o Funk nos outros encontros. Uma dessas práticas foi a construção de uma paródia com a música "Contatinho" da cantora Anitta e Léo Santana a fim de conscientizar os alunos acerca do novo coronavírus no começo de 2020[1]. Em outra atividade proposta por Gabril (2021), o

[1] Contatinho. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_5-4H7xzzE. Acesso em: 30 jun. 2025.

educador e os alunos criaram uma música com o título "Quem será o presidente do Brasil?" A prática aconteceu durante as eleições para a presidência do Brasil em 2019. Um dos objetivos do professor era apontar o intervalo de quarta justa presente no Hino Nacional[2].

Em um exercício envolvendo o movimento corporal, a autora Luana Oliveira (2017) sugere como estratégia metodológica a aplicação da canção "Deu onda" interpretada por MC G15 para trabalhar conceitos como pulsação e andamento, apreciação ativa e atenta, além de politonalismo e polimodalismo. Sobre o caráter da música, a autora relata que principalmente pessoas ligadas ao estudo musical direcionaram fortes críticas relacionadas ao polimodalismo presente no Funk de MC G15, considerando se tratar de um erro grosseiro cometido por um compositor que desconhece de música, o que indicaria um preconceito constante em relação ao gênero musical e seus praticantes. Para discutir esse assunto em sala de aula, ela propõe como prática pedagógica o uso de instrumentos musicais com o intuito de compreender as diferenças sonoras dessas duas formas de escala e a escuta de repertório erudito a fim de comparação e quebra de estigma.

Outra perspectiva relacionada à movimentação do corpo, foi desenvolvida por Tatiane Cardoso (2011) em turmas do primeiro ao quinto ano de uma escola estadual localizada em São Joaquim/SC. Dessa maneira, ela utilizou do ritmo do Funk para fazer percussão corporal e musicalizar poemas de escritores com a mesma batida. De maneira similar, Thaís Padovani (2015) ao trabalhar com crianças do segundo, terceiro e quarto ano, em suas primeiras aulas resolveu partir do Funk para explorar aspectos rítmicos e dar espaço para que eles pudessem cantar o que sabiam. Além disso, Renato Rosa (2018), trabalhou ao longo de cinco aulas junto aos estudantes de quinto ano as origens do gênero, suas contribuições culturais, apreciação musical em diferentes tempos e espaços, o ritmo, a pulsação, a composição não convencional com instrumentos de percussão e a fabricação de materiais sonoros feitos pelos estudantes.

[2] Quem será o presidente? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1s8da1y8iEc. Acesso em: 30 jun. 2025.

Relato de experiência

Nesta seção, inicialmente é apresentado um diagnóstico do contexto em que as atividades foram desenvolvidas e aspectos do processo de planejamento. Em seguida, são descritas as atividades aplicadas com considerações sobre a utilização do Funk enquanto ferramenta de ensino musical.

Avaliação diagnóstica e planejamento

A escola é localizada em Curitiba/PR, em um bairro periférico e residencial. A sala do quarto ano fica no primeiro andar ao lado da sala dos professores, nas paredes há as letras do alfabeto, cartolina com os meses e os aniversários da turma, e o armário da professora regente, as mesas são enfileiradas de frente para o quadro e às vezes as crianças estão sentadas em duplas. A turma se mostra bastante participativa, gosta de desenhar no caderno e alguns alunos possuem seus próprios livros de colorir.

Durante este período de observação, percebemos que em momentos de agitação ou de tédio alguns alunos faziam com as mãos o ritmo do Funk com precisão para brincar ou chamar atenção dos colegas. Questionados sobre onde eles mais escutavam Funk, responderam que ouvem na televisão, nas redes sociais e na caixinha de música. Neste momento, evidenciou-se a influência da mídia e o contexto musical no qual o aluno está inserido. Para Luana Oliveira (2017), discutir sobre Funk em aulas de música se torna importante para aproximar a escola de culturas juvenis e compreender a forma com que os estudantes têm se relacionado com as músicas da mídia, muito presentes em sua realidade.

Nesse sentido, a professora supervisora foi consultada sobre a vontade em trabalhar o Funk nas regências com a turma. Ela mencionou que, provavelmente, nenhum educador da escola havia abordado esse gênero musical devido ao preconceito social. A professora também destacou que seria necessário informar a coordenação sobre a pesquisa, caso algum responsável questionasse a inclusão do Funk nas aulas de Arte. Dessa forma, pode-se dizer que esses preconceitos ultrapassam o contexto sonoro musical e educacional (COUTINHO, 2021), refletindo a desvalorização de músicas presentes no contexto da diaspórica (GABRIL, 2021).

A partir desse momento, combinamos em aplicar três aulas com o quarto ano e na última faríamos uma apresentação de algum arranjo de Funk para dar fechamento para as

regências. Sendo assim, para planejar essas aulas foi usado como referência artigos acadêmicos com o mesmo tema (GABRIL, 2021; OLIVEIRA, 2017; CARDOSO, 2011; PADOVANI, 2015; ROSA, 2018) e vídeos educativos. Além disso, houve a adaptação da metodologia de Carl Orff e revisão de exercícios em materiais didáticos. Dessa forma, as aulas foram estruturadas com base no modelo C(L)A)(S)P (Swanwick, 1998; França, 2013), fundamentando-se nas modalidades do fazer musical: apreciação, performance e composição. Um dos objetivos do plano de ensino, consistia em compreender as características do gênero, buscando explorar seu ritmo com percussão corporal e materiais à disposição dos alunos, além de enfatizar suas origens africanas e compreender seu canto falado. No próximo subtítulo será exposta a aplicação e os resultados da primeira prática.

Aplicação da primeira aula e Resultados

A primeira aula ocorreu no dia 12 de junho de 2025 e teve duração de 45 minutos. Os conteúdos trabalhados foram os elementos do som (timbre), elementos da música (pulso, ritmo, condução do tempo) e música popular brasileira (Funk). Dessa maneira, como objetivo geral, esperava-se conhecer as características do Funk para performance de um arranjo e como objetivos específicos tínhamos: executar o padrão de Funk da música de Festa Junina individualmente e em grupos; distinguir as semelhanças e diferenças das gravações apresentadas; e criar uma variação do ritmo utilizando materiais à disposição. Como a regência foi na semana seguinte da festa junina da escola, a atividade de escuta proposta foi da música “Festa na roça” e o remix da mesma canção com a batida de Funk.

Após a apreciação, perguntamos as semelhanças e diferenças das duas obras, e eles identificaram como iguais os instrumentos, a melodia, o caráter dançante e alegre e o contexto de festa junina nas duas canções. As diferenças apontaram a batida do Funk e a voz que anunciava o nome do DJ que remixou a música. Depois dessa breve reflexão, para a etapa da performance, o ritmo que ouvimos foi ensinado por meio de imitação, utilizando percussão corporal. Nesse sentido, como usamos o peitoral para a batida grave e as mãos para as agudas, nomeamos o ritmo como “batida do peito”. Em seguida, dividimos a sala em dois grupos e realizamos um jogo envolvendo pulso e andamento, um grupo começava a tocar o ritmo enquanto o outro permanecia em silêncio, ao sinal, a função dos grupos era invertida e o

desafio era conseguir entrar com a batida no tempo certo da música. Eles responderam positivamente à brincadeira, mostrando engajamento e participação, sendo assim dividimos em mais dois grupos e propomos mais um desafio.

Revisando a gravação da aula, um aspecto que se destacou foi o comando vago para a divisão em mais dois grupos para totalizar quatro na sala. Por conseguinte, eles se confundiram, arrastaram as mesas, não sabiam quantas pessoas deveriam se reunir e levou alguns minutos para organizar a turma novamente. Apesar disso, conseguimos realizar a brincadeira com quatro times, o detalhe foi que agora um deles estava silenciando e foi preciso pensar no ritmo mentalmente para continuar o andamento da música.

Para finalizar essa etapa, tocamos juntos o ritmo com a gravação. Essa parte se revelou um dos pontos positivos da aula pela compreensão e precisão que os estudantes demonstraram. Para a etapa de criação, orientamos que os educandos passassem o ritmo do Funk para os materiais que tivessem à disposição como a mesa, o estojo, a porta, a garrafa de água, entre outros, visando um toque grave e um agudo. Nessa etapa, alguns alunos pareciam não ter compreendido muito bem o grave e o agudo na hora de passar o ritmo para os materiais, usando a mesma superfície para batucar, gerando o mesmo som nas batidas que deveriam ser contrastantes. Apresentamos as ideias criadas para a turma e logo após as apresentações, cantamos “Parabéns para você” para uma aluna que estava fazendo aniversário, alguns alunos bateram palmas fazendo a batida do peito que aprenderam na aula.

Após o parabéns, interrogados se tinham gostado e qual era a nota para a aula, a maioria disse que gostou e as notas variaram entre dez, mil e infinito. Contudo, dois alunos expressaram que não gostaram, pois desgostam do Funk, mesmo tendo participado e parecido se divertir com as atividades. Para Mano Teko (2017), nenhuma proposta com Funk tem a finalidade de convencer a criança a gostar do gênero, mas que ela saia compreendendo que precisa ao menos respeitar aquela cultura. O autor também destaca que muitas das opiniões trazidas pelos educandos viriam do lar que estão inseridos (TEKO, 2017). Como resultados, observou-se um engajamento positivo dos estudantes demonstrando a relevância do Funk como método pedagógico para proporcionar um contato entre a escola e a realidade dos educandos e compreendendo o gênero como um movimento cultural brasileiro para contestar o preconceito que ainda se encontra na sociedade.

Considerações finais

Esta pesquisa, conduzida em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba/PR, com estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental I, os quais têm entre 9 e 10 anos, teve como objetivo investigar possibilidades de utilização do Funk como ferramenta pedagógica para o ensino de música no contexto mencionado.

Para o planejamento das atividades foi realizado um diagnóstico sobre a presença do Funk no contexto estudado seguido de revisão bibliográfica e elaboração das atividades considerando o modelo CLASP e a abordagem de Carl Orff.

Como resultados, observou-se um engajamento positivo dos estudantes demonstrando que o Funk pode ser utilizado como uma ferramenta para o ensino da música, proporcionando um contato entre a escola e a realidade dos educandos.

Referências

BATISTA, Leonardo Moraes; Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para a educação básica. Interlúdio, Ano 6, n. 10, 2018.

CARDOSO, Tatiane Souza. Educação Musical através do Lúdico: Estratégias Significativas de Ensino Aprendizagem em Música. **Associação brasileira e educação musical-ABEM**, 2011.

COUTINHO, Paulo Roberto de Oliveira; ROCHA, Inês de Almeida. “Funk não é música”: faces da diferença, diversidade e discriminação. Opus, v. 27 n. 3, p. 1-13, set/dez. 2021.

FRANÇA, Cecilia Cavalieri. Trilha da música: orientações pedagógicas/Cecilia cavalieri França. - 1ed - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

FERREIRA, Mirian Alves; **“Da Perseguida á Pussy”-Reflexões sobre funk e escola**.Dissertação(mestrado em ciências sociais)-Setor de relações etnicorraciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2016.

GABRIL, Luis Sergio Verísimo. O uso do funk como ferramenta pedagógica em sala de aula XXV Congresso Nacional da ABEM A educação musical brasileira e a construção de um novo mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM, 2021.

LANÇA o passinho do romano.[S.l.:s.n.]. 2024. 1 vídeo (2 min 52 s). Publicado pelo canal: DJ DN DE CAXIAS - TEMA. Disponível em: https://youtu.be/e3JflwuJKBI?si=fpZdLMYnfqG3jll9. Acesso em 11 jul. 2025.

MENDONÇA, Pedro; Rocca, Ralphen; & Mano Teko, M. O funk e a educação: etnomusicologia e pesquisa-ação participativa em contextos diversos. *DEBATES - Cadernos Do Programa De Pós-Graduação Em Música*, (19), 2017.

OLIVEIRA, Luana; LOUREIRO, Fellipe Sobral. O funk Deu onda: das críticas às possibilidades pedagógicas. In: **XXVII Congresso da Anppom-Campinas/SP**. 2017.

PARÓDIA - contatinho - coronavírus.[S.l.:s.n.]. 2020. 1 vídeo (1 min 30 s). Publicado pelo canal Luis Gabril. Disponível em: https://youtu.be/u_5-4H7xzzE?si=qt1xBNPxh9ujIJ1X. Acesso em: 30 jun. 2025.

PENNA, Maura; BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca. Resgatando / estabelecendo / construindo relações: propostas de exploração de funks a partir da intertextualidade. Música na Educação Básica, v. 11, n. 13/14, 2022.

QUEM será o presidente? Arranjo Funk.[S.l.:s.n.]. 2021. 1 vídeo (59 s). Publicado pelo canal Luis Gabril. Disponível em: https://youtu.be/1s8da1y8iEc?si=MrCMKZHiD0A4mxD7**.** Acesso em 30 jun. 2025.

ROSA, Renata Stiehl; Backes, Lucia Jacinta da Silva; & Wolffenbüttel, Cristina Rolim. "POR QUE NÃO PODE?": o gênero musical funk como estratégia pedagógica para o ensino de música para crianças dos anos iniciais. *28ºSeminário Nacional De Arte E Educação E 9ºEncontro De Pesquisa Em Arte - ISSN 2359-6120(online)*, 26(26), p.24–32. 2018.

SOUZA, Thiago Alves; Estruturas e Sonoridades Afro Latentes no Funk; Jornada de Pesquisa em Arte UNESP PPG IA 2019-3 edição internacional.

SCHEFFER, Ranielly Boff. Educação musical e corpo: Uma pesquisa-ação envolvendo apreciação musical e práticas pedagógicas ativas. In: **XI CONFERÊNCIA REGIONAL LATINOAMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL-ISME**. 2017.

SWANWICK, Keith. A Basis for Music Education. Routledge, f. 67, 1979. 133 p.

TROTTA, Felipe da Costa**. O funk no Brasil contemporâneo**: uma música que incomoda. Latin American Research Review, v. 51, n. 4, 2016.